

## A psicanálise no contexto da pandemia da COVID-19 e da crise do sistema social

Por Geraldo Balduino Horn e  
Henrique Breviglieri

*A ciência não é uma ilusão, mas seria uma ilusão acreditar que poderemos encontrar noutro lugar o que ela não nos pode dar.*  
(Sigmund Freud)

Caro/a leitor/a, todas as áreas do conhecimento humano apresentam, seja por meio de análises mais gerais seja por meio de estudos especializados, importantes contribuições com relação às formas de enfrentamento dos sofrimentos provocados pelo isolamento social durante o período da pandemia. Esta edição d'O Sísifo traz as vozes dos psicólogos/a e psicanalistas a partir de diferentes perspectivas, reflexões e análises.

A primeira matéria **A virulência psíquica e a Covid-19: uma luta entre vida e morte**, de Débora Agel Mellem, reflete sobre os problemas humanos decorrentes do isolamento social e possíveis formas para enfrenta-los por meio do convívio social, do cultivo do mundo interior e dos cuidados consigo mesmo e com os outros.

Já a matéria de Ana Carla Camargo Aros, **Psicopatologia de nossa pandemia cotidiana**, mostra como o COVID-19 tornou-se um desafio cotidiano, uma constante luta sobrevivência diante de tantas histórias interrompidas. Por fim, a matéria **Vidas a deriva**, de Kenia Maisa Peres, analisa, a partir de dados, o desnorreamento da população diante da pandemia e como o debate sobre o Covid-19 e o isolamento social em nosso país transformou-se em força política e disputa ideológica.

No livro "Psicologia das massas e análise do Eu", publicado pela primeira vez em 1921, o fundador da psicanálise Sigmund Freud afirma que toda psicologia é social e que a distinção entre psicologia individual e psicologia social é meramente didática, não subsistindo na realidade dos fenômenos da vida psíquica. Mais adiante, no mesmo texto, Freud reitera sua colocação afirmando que não há como pensar o sujeito sem considerar o outro.

O psicanalista francês Jacques Lacan, ao longo dos seus seminários de "retorno a Freud", progride insistentemente nessa correlação do sujeito com o Outro, especialmente ao apontar as influências bidirecionais existentes no ponto de intersecção entre homem e sociedade ou sujeito e campo social, e ao retomar o conceito de "Estádio do Espelho" do filósofo e psicólogo Henri Wallon, que enuncia a formação do sujeito a partir do seu reconhecimento como semelhante a um outro semelhante em suas "identificações primárias".

O pediatra e psicanalista britânico Donald Woods Winnicott afastou-se da sua mestra Melanie Klein exatamente por atribuir valor indelével ao ambiente social na integração das experiências do indivíduo para a formação do seu "Self" (representação ou conceito de si mesmo, a consciência do Eu) e para o seu desenvolvimento pessoal e emocional, constituindo-se como pessoa e como sujeito político-social, enfatizando a necessidade de que a realidade social em que o sujeito está inserido seja adequada em justas medidas para o seu desenvolvimento pessoal-subjetivo e localizando a origem dos distúrbios psíquicos em eventuais inadequações nesse campo de indissociabilidade entre sujeito e ambiente.

O psicanalista também britânico (nascido na Índia que, na época, ainda era colônia do Reino Unido) Wilfred R. Bion afirma, no texto "*Second Thoughts*", que a expressão emocional do sujeito e os seus processos de frustração e satisfação não podem ser considerados à parte do componente social, ratificando a posição aristotélica de que o homem é um ser político por natureza e os entendimentos da tríade socrática e da mentalidade do povo helênico de que a realização humana só é possível na convivência com outros seres humanos em comunidade.

Com esses exemplos de notórios colaboradores para o desenvolvimento da psicanálise, pode-se perceber que o preconceito comum de julgar a psicanálise como uma atividade individualista restrita ao trabalho clínico com o indivíduo em sua intimidade egóica não passa de um preconceito. A psicanálise, como pura psicologia e como práxis, se dá em múltiplos contextos e, ainda que seja exercida na clínica com um sujeito, este trará, inevitavelmente, relações internalizadas formatadas pelas representações que o sujeito faz dessas relações e das pessoas que nelas interagem, somadas aos sentidos inconscientes e conscientes associados a essas representações e aos afetos que deles se depreendem. O psiquiatra e psicanalista nascido em Genebra e naturalizado argentino Enrique Pichon-Rivière chamou de "grupo interno" essas relações representadas internalizadas pelo sujeito que o acompanham em todos os eventos de sua vida psíquica, endossando a tese de que toda psicologia é psicologia social.

Essas são algumas reflexões iniciais que serão ampliadas nas matérias que seguem. Cada autor/a traz contribuições específicas que possibilitam com que você aprofunde sua compreensão acerca desse momento de emergência pelo qual passa o Brasil e todos os países do mundo hoje.

Boa leitura!

*A angústia surge do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar.* (Jaques Lacan)

## **A virulência psíquica e a Covid-19: uma luta entre vida e morte**

*Débora Agel Mellem*

*Psicóloga e psicanalista da SBPRP*

Tenho estudado a faceta psíquica dos fenômenos sociais que temos vivido no Brasil, desde a última eleição presidencial, buscando refletir sobre as manifestações de ódio, intolerância às diferenças e ao diálogo, fanatismo e incapacidade para pensar. E para mim, cada vez mais, a psicanálise tem sido fundamental para a compreensão destes aspectos humanos irracionais e destrutivos, que expressam processos mentais inconscientes.

Sigmund Freud em 1921, no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* já dizia que em termos gerais, toda psicologia é social, pois na vida mental do indivíduo há sempre um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente. Assim, só podemos pensar sobre o indivíduo, inserido num ambiente familiar e, em termos mais amplos, num contexto sócio, econômico e cultural. Em textos antecedentes, Freud traz fundamentos importantes, que foram expandidos posteriormente: escreve que o ódio é mais antigo que o amor, surge do repúdio primordial do eu narcísico ao mundo exterior, portador de estímulos e em 1920, apresenta a sua teoria da pulsão de morte e seus desdobramentos na vida psíquica. Psicanalistas como Melanie Klein, Meltzer, Bion, detalharam os mecanismos da violência psíquica, sendo que este último mostrou-nos que existem aspectos humanos que expressam-se de forma mais nítida, somente quando uma pessoa está em grupo. Estes são resultantes de poderosas forças inconscientes e funcionamentos regressivos que todos nós temos, formulados por Bion, em “Experiências com grupos”, como pressupostos básicos, que consistem em reações defensivas do ego primitivo, contra ansiedades psicóticas.

Antes da pandemia da Covid-19 chegar ao Brasil, já existia um outro tipo de contágio, característico de processos de identificação em massa, marcado por traços infantis de desamparo, ressentimento, revolta, incapacidade de lidar com perdas (econômicas), levando uma parte da população a buscar um salvador, onipotente, criando uma imagem idealizada de um presidente-pai que resolveria todos os problemas, era bravo e castigaria quem não andasse na linha. Estava-se abrindo espaço para o autoritarismo e a aderência cega de adeptos ao governo Bolsonaro. O personalismo narcísico e perverso deste líder, movido pela ganância e interesses pessoais, nega a história de nosso país e propõe ideias fictícias, que atendem à necessidade de certezas de seu seguidores. As negações da realidade, a percepção distorcida da mesma e o desprezo pela verificação dos fatos disseminam-se, com virulência, havendo retrocessos e desagregação em vários setores, dentre eles a educação, saúde, meio ambiente, cultura e projetos sociais. Nosso país já estava muito doente e caótico, mesmo antes da atual pandemia...

A chegada do corona vírus escancarou as vulnerabilidades existentes: o racismo e as desigualdades sociais e ficam mais difíceis de serem ignoradas, embora numa

mente fanática e/ou gananciosa, a realidade é como lhe convém. Estamos observando que este governo não tem compromisso em salvar vidas, o que tem gerado uma devastação, com um número imenso de mortos por contaminação, em sua maioria pobres e negros. Os profissionais da saúde que estão na linha de frente do combate contra este vírus, estes sim são comprometidos com a vida!

E a população, como podemos entender as atitudes encontradas, diante da ameaça de morte por esta doença complexa e desconhecida? Existem várias realidades vividas em nosso imenso território e não há medidas consistentes e integradoras, feitas pelos órgãos públicos, para o enfrentamento desta pandemia. Vou destacar alguns pré-requisitos psíquicos, que poderiam favorecer a proteção dos cidadãos.

Em primeiro lugar, precisamos ter uma capacidade de abstração, para acreditarmos que um vírus que ninguém vê a olho nu, pode ser tão perigoso. E também ter vivenciado e contido, em certa dose, a fragilidade, o desamparo e a finitude humana, para não sermos tomados por defesas como a negação da realidade e a onipotência.

Para não se encarar o isolamento social (de quem pode fazê-lo) como uma prisão ou tortura, precisamos ter cultivado um mundo interior, a imaginação, uma capacidade de viver sólido e abster-se da mobilidade física como um modo de descarregar emoções. E saber esperar, ou seja, lidar com frustração.

Este conjunto de características exigem um desenvolvimento emocional amadurecido, uma condição de exercer cuidados consigo e também com os outros. É evidente que para se alcançar esta atitude responsável, precisa-se ter recebido cuidados emocionais na família, na escola e nos diversos ambientes em que vivemos, no decorrer da vida.

Utilizo a poesia de Drummond, *Inocentes do Leblon (1940)*, para cuidar da minha dor, tristeza e perplexidade, frente ao comportamento de jovens descuidados (suicidas, homicidas?), do Leblon no Rio de Janeiro, que postaram um vídeo que circulou nas redes sociais, no qual estavam aglomerados em bares, sem o uso de máscaras, na ascensão da pandemia, arriscando as suas vidas e as dos outros.

*“Os inocentes do Leblon*

*não viram o navio entrar.*

*Trouxe bailarinas?*

*trouxe imigrantes?*

*Trouxe um grama de rádio?*

*Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,*

*mas a areia é quente, e há um óleo suave*

*que eles passam nas costas, e esquecem.”*

## **Psicopatologia de nossa pandemia cotidiana**

Ana Carla S. Pompêo de Camargo Aroser

Psicóloga Clínica. Professora Dra. da UNIFRAN e do Aprimoramento em Psicoterapia Psicanalítica da Uni-FACEF (Franca, SP)

Viver durante a Pandemia do SARS-CoV-2 ou COVID-19 passou a ser um desafio cotidiano de sobrevivência. Os números de infectados e mortos crescem diariamente e representam vidas, pessoas reais com famílias e histórias interrompidas. E todas essas vidas importam! Quantas vidas mais serão perdidas?

A vida imita a arte ou a arte imita a vida? Concordo tanto com Oscar Wilde quanto com Aristóteles em suas expressões célebres. Sinto-me presa em um filme de ficção científica ou de cinema catástrofe. Tenho a impressão de viver uma espécie de pesadelo, sem data para acordar. E muitas vezes, encontro momentos de consolo nas LIVES que trazem a arte para perto de nós.

O isolamento social tem sido uma atitude ética e de cuidado possível. Desde então, vejo o mundo através das janelas do apartamento e das telas dos computadores. Telas que conectam pessoas amadas, possibilitam o trabalho como psicoterapeuta e como professora. E que também remetem às nossas “janelas da alma”, nosso mundo interior.

Estou aterrorizada, o que fazer? Como lutar contra essa ameaça invisível? Como ajudar meus clientes e alunos, se eu mesma me sinto tão ameaçada e impotente? Minhas armas contra o vírus assassino são as informações de qualidade, livros, a autoanálise e os grupos virtuais com familiares, amigos e encontros de estudo ou trabalho. E, principalmente, lutar para me sentir viva, manter minha sanidade e a possibilidade de ser eu mesma.

A psicoterapia e a psicanálise tiveram que se reinventar (assim como as pessoas) através de atendimentos mediados por computadores. Não é tarefa simples criar novos repertórios de condutas em poucos meses. Elaborar emocionalmente crises pessoais, dentro de crises mais amplas: sociais, políticas, econômicas, em meio ao colapso da saúde pública. Psicoterapeutas e analistas têm buscado estabelecer novas formas de vinculações, guiados, em minha percepção, pelo enquadre interno do analista, uma vez que os encontros presenciais e o *setting* tradicional tornaram-se inviáveis.

Segundo Tanis (2014)<sup>1</sup> as formas de subjetivação, de expressão de dor e sofrimento humano passaram a ter características sintomáticas específicas no mundo pós-moderno, que dificultam a simbolização e a formação onírica. No contexto da Pandemia ocorreu uma intensificação sintomática potencializada pelo

confinamento e pelos contatos afetivos limitados, mas também se criou oportunidades de conhecer melhor a si mesmos e às pessoas mais próximas.

A experiência de Pandemia nos colocou diariamente diante de um fato que sempre esteve presente, mas que nossas ilusões narcísicas, defesas maníacas e atuações, assim como a correria diária, não nos permitiam ver com tanta nitidez: a fragilidade do ser humano.

Uma das crônicas de Rubem Alves recorda-me que a Morte é importante conselheira: “A Morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa que fala com voz branda [...] A branda fala da Morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por nos falar da Vida. Na verdade, a Morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetramos” (Rubem Alves, 2011)<sup>2</sup>.

Será possível aprender com essa difícil e singular experiência, no sentido Bioniano do termo? Ou sairemos desta situação os mesmos indivíduos e grupos sociais, esperando voltar a viver a vida quando nossa suposta normalidade retornar?

A perda abrupta das antigas rotinas, do ritmo acelerado de vida, do lazer, acarretou um colapso de algumas defesas psíquicas individuais e coletivas, comumente utilizadas para fugir ou amenizar a dor metal, as frustrações ou medos intoleráveis. Em casos mais graves, essas defesas foram reforçadas, manifestando-se através de negações maciças da realidade, dos riscos e de problemas sociais agravados pela Pandemia. Essa grave problemática trouxe novamente a necessidade urgente de repensar nossa estrutura social, política e econômica, de ampliar serviços essenciais, investir em ciência e pesquisa, rever valores culturais e padrões de consumo do mundo pós-moderno, a partir das lições explícitas e implícitas das novas experiências vividas mundialmente.

Torna-se prioridade fazer os lutos pelas perdas de nossa forma de viver anterior, para nos reinventar enquanto seres humanos, o que demanda entrar em contato com nossas emoções mais assustadoras, com a ideia de nossa própria finitude, para poder encontrar saídas criativas e quem sabe, aproveitar hoje a vida possível, fortalecer vínculos afetivos, vivendo cada momento com a intensidade e sabedoria das crianças pequenas. Sem perder a esperança de dias melhores e a possibilidade de sonhar com uma sociedade mais justa e acolhedora.

<sup>1</sup> TANIS, B. O pensamento clínico e o analista contemporâneo. J. Psicanálise, 2014, vol. 47, n.87.

<sup>2</sup> ALVES, R. A morte como conselheira. In: CASSORLA, R.M.S. (Coord). Da morte. Campinas: Papirus, 1991.



## Vidas a deriva

Por Kenia Maisa Peres

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), psicóloga clínica de orientação psicanalítica em clínica particular em Franca, SP, pesquisadora e professora universitária.

Como uma epifania que chega anunciando o mal e a morte, uma ameaça invisível nos ataca e nos isola. Da noite para o dia passamos a viver a disruptível experiência da pandemia e a instalação do isolamento social e todas as demais consequências disso. Fomos sentenciados a abandonar a vida conhecida e planejada. Sonhos não vividos e interrompidos por decreto. Estamos e devemos ficar em casa, pelo menos aquelas e aqueles que esse privilégio possuem.

O debate sobre a pandemia no Brasil ganhou um estatuto político e as discussões sobre o isolamento se transformaram em uma disputa ideológica. O resultado disso é o completo desnorreamento da população, que pode ser percebido por essa dissonância entre os dados: embora 76% da população brasileira defenda o isolamento social, este não tem chegado à marca dos 50% em praticamente nenhum Estado.

Se, de um lado, a favor do isolamento, temos os argumentos dos profissionais de saúde, de pesquisadores, da OMS e da observação direta de outros países; do outro lado, contra o isolamento, temos argumentos que parecem vir a partir de um projeto de governo: a necropolítica. Mas não me deterei neste vértice de discussão. O que me interessa nesse momento é pensar o profundo desamparo da população brasileira a partir da psicanálise. O que nos ameaça não é apenas a doença ou a morte, mas também a ruptura dos laços sociais e a incerteza do futuro.

Assim como a angústia originária, Freud determinou que o desamparo revela-se também como uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana, além de considera-lo como o *rochedo de base da subjetividade*, o anteparo para toda subjetividade, a condição existencial de desamparo. Zeferino Rocha afirma que *o impacto desse rochedo de base provoca a confrontação do ser humano com o enigma do seu vazio, da sua finitude e da sua incompletude, ou, dito com outras palavras, do seu desamparo*.<sup>1</sup>

É nessa condição que também vemos uma capacidade cada vez maior do humano de ir além de si mesmo através da imaginação, da fantasia, da invenção. Somos seres capazes de transformar até mesmo o horror, o desespero e a feiura em arte. Acredito ser essa também a proposta da situação psicanalítica: através da (re)criação de si mesmo (através do encontro analítico) e da consciência de sua condição, estabelece um elo com aquilo que é o mais humano: o desamparo, e o conseqüente sofrimento.

No Brasil onde observamos uma enorme regressão no que concerne nossa consideração e reconhecimento do outro

como nosso semelhante, manifestações violentas, desqualificativas e de descaso e ódio em relação aos mais desfavorecidos e àqueles diferentes de nós.

Assim, diante da crise mundial desencadeada pela pandemia vivemos uma experiência abrupta causada pelo contato com nossas fragilidades, quiçá pela experiência primitiva de desamparo, agora potencialmente atualizada, que pode inclusive ser pensada em seu aspecto duplo: na necessidade de lidar com todas condições externas como a quantidade enorme de vítimas fatais do COVID-19, a falência das políticas públicas de cuidado e proteção das populações mais vulneráveis, um projeto mortífero e cruel de governo, etc.; por outra via é preciso também se haver com as tensões internas, peculiares a cada indivíduo, com suas múltiplas representações e formas de angústias.

Todos nós estamos sendo forçados a aprender que só sobreviveremos enquanto espécie se realmente levarmos em consideração o outro, princípio essencial da nossa condição humana de seres desamparados. Não só o outro ser humano, mas os outros seres vivos e o próprio planeta Terra. A ganância e o egoísmo, fomentados pelo narcisismo patológico, estão nos levando para a real possibilidade de destruição de nosso planeta e de nossa espécie.

Quando vemos no Brasil e em vários países as pessoas apresentando comportamentos estimulados pelo pânico da morte, de completa desconsideração pelo ser humano próximo e ignorando orientações de isolamento social e uso de máscaras, por exemplo, a tristeza e a desesperança nos invadem e ficamos preocupados com o nosso futuro enquanto espécie.

Mas é preciso a manutenção da capacidade negativa (Bion, 1973); a capacidade de suportar o desconhecido interno e externo, tolerar os sentimentos negativos, dolorosos e de perda; e assim aprender com a experiência emocional, com o novo que uma situação de crise pode trazer.

No momento em que as fronteiras físicas se fecham e o isolamento se faz necessário é preciso que outras fronteiras se abram: mudando nossos hábitos e exigindo uma participação mais efetiva, uma presença diferente nas relações mais próximas, como nos contatos familiares, amorosos e consigo mesmo. É preciso que ancoremos nossas vidas, a deriva nesse momento, naquilo que é imprescindível para nossa sobrevivência e convivência: nossa capacidade de amar.

### Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA

[jornalsisifo@gmail.com](mailto:jornalsisifo@gmail.com)

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado

<sup>1</sup> Rocha, Z. *Desamparo e metapsicologia* – para situar conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. Síntese – Rev. De Filosofia. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 1999, p.64.